

ENCENANDO A LUTA: ANÁLISE DAS PEDAGOGIAS E TEATRALIDADES INTRÍNSECAS À MÍSTICA DO MST

Marli Roth¹
Lúcia Helena Martins²

Resumo: No presente ensaio, narramos e analisamos a mística do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), refletindo sobre suas formas de teatralidade e os processos pedagógicos envolvidos em sua elaboração. A investigação parte de um escopo teórico-prático, examinando as relações entre pedagogia e teatralidade intrínsecas às manifestações da mística, com foco nas atividades realizadas nos assentamentos Ireno Alves dos Santos e Marcos Freire, em Rio Bonito do Iguaçu (PR). Para fundamentar essa análise, recorreremos aos seguintes autores: Ademar Bogo (2007), Ileana Caballero Diéguez (2011), Leonardo Boff (1998), Paulo Freire (2020; 2022) e Pedro Ranulfo (1994). Quanto às metodologias, adotamos uma abordagem etnográfica, complementada por pesquisa bibliográfica e de campo, a fim de elucidar o problema de pesquisa proposto. O estudo busca contribuir para a compreensão da mística do MST enquanto prática cultural e pedagógica, destacando seu papel na formação política e identitária dos sujeitos envolvidos no movimento.

Palavras-chave: Mística; Teatralidades; Pedagogia.

¹ Marli Roth. Autora do trabalho. Professora Alfabetizadora do Método de Paulo Freire, pelo Sindicato Rural do município de Laranjeiras do Sul (PR), em 1997, atuou em APAES (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Laranjeiras do Sul e de Rio Bonito do Iguaçu, (1999 a 2007). Professora Especialista na área da Educação Especial na SEED – PR, desde 2005. Mestranda em Arte, na Universidade Estadual do Paraná, Campus Curitiba 2/FAP. Performer, artista, ativista da Reforma Agrária, militante e pesquisadora. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5779-2557> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1601964770563328>. Email: marli.roth@escola.pr.gov.br

² Lúcia Helena Martins: Autora do trabalho. Doutora em Teatro, pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Performer, artista, professora-artista, diretora teatral e pesquisadora. Professora no curso de Licenciatura em Teatro Universidade Estadual do Paraná, Campus Curitiba 2/FAP, durante os anos de 2012 até 2025. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2985-3018> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9863662519118764>. Email: luhelena25@yahoo.com

LA PUESTA EN ESCENA DE LA LUCHA: ANÁLISIS DE LAS PEDAGOGÍAS Y TEATRALIDADES INTRÍNSECAS AL LA MÍSTICA DEL MST

Resumen: En el presente ensayo, narramos y analizamos la mística del Movimiento de los Trabajadores Sin Tierra (MST), reflexionando sobre sus formas de teatralidad y los procesos pedagógicos involucrados en su elaboración. La investigación parte de un marco teórico-práctico, examinando las relaciones entre pedagogía y teatralidad intrínsecas a las manifestaciones de la Mística, con enfoque en las actividades realizadas en los asentamientos Ireno Alves dos Santos y Marcos Freire, en Rio Bonito do Iguaçu (PR). Para fundamentar este análisis, recurrimos a los siguientes autores: Ademar Bogo (2007), Ileana Caballero Diéguez (2011), Leonardo Boff (1998), Paulo Freire (2020) e Pedro Ranulfo (1994). En cuanto a las metodologías, adoptamos un enfoque etnográfico, complementado con investigación bibliográfica y de campo, con el fin de elucidar el problema de investigación planteado. El estudio busca contribuir a la comprensión de la mística del MST como práctica cultural y pedagógica, destacando su papel en la formación política e identitaria de los sujetos involucrados en el movimiento.

Palabras clave: Mística; Teatralidades; Pedagogía.

Introdução

Esta pesquisa etnográfica surge de nossas vivências, a partir do contato com o MST, especialmente o Ireno Alves dos Santos (Rio Bonito do Iguaçu/PR) e da aliança simbólica e afetiva estabelecida com os movimentos sociais, especialmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nosso objetivo foi investigar a mística do MST, compreendendo suas simbologias, os elementos que a constituem e os significados que revela. A pesquisa contou com o apoio do Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, das comunidades dos assentamentos Ireno Alves dos Santos e Marcos Freire e a parceria com a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), localizada no Assentamento 08 de Junho, em Laranjeiras do Sul (PR). Para analisar a forma estética da mística, os significados de seus elementos, sua organização, bem como as pedagogias e teatralidades presentes, adotamos uma abordagem qualitativa e participante, utilizando técnicas como entrevistas, registros fotográficos e vivências compartilhadas junto ao MST. A mística possui uma pedagogia própria, vinculada às lutas dos/as trabalhadores/as camponeses/as, construída a partir da escuta e do diálogo no interior do Movimento. As teatralidades que a compõem manifestam-se especialmente nos rituais de apresentação. Um exemplo emblemático ocorreu durante uma atividade no Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozack, quando uma professora (S.B.), participando pela primeira vez de uma mística, recebeu um copo de vinho distribuído por um militante. Inicialmente, ela bebeu o vinho sem perceber o contexto ritualístico, mas ao notar que o público o derramava sobre uma fogueira simbólica, pediu mais um copo a um companheiro para integrar-se ao gesto coletivo. Esse ato, aparentemente simples, revela uma prática carregada de simbolismos, onde o vinho e o fogo assumem significados profundos de resistência, partilha e transformação.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): identidade, luta e transformação social no Brasil

O Movimento dos/as Trabalhadores/as Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 450 mil famílias que

conquistaram a terra por meio da luta e organização dos trabalhadores rurais. (MST, 2022). Mesmo depois de assentadas, estas famílias permanecem organizadas no MST, pois a conquista da terra é apenas o primeiro passo para a realização da Reforma Agrária.

O Brasil é um dos países com maior concentração de terras do mundo e onde estão os maiores latifúndios. Essa concentração passou a existir desde o período colonial, no século XVI, onde foi dado o início da exploração agrária a partir da monocultura para exportação sustentada pelo trabalho escravo. Dessa forma, o domínio das terras brasileiras por parte de colonizadores, estabeleceu as raízes da desigualdade social que perdura até hoje no país. (MST, 2022, n.p.)

Esse quadro ilustra a expropriação realizada no período colonial e a construção histórica do Brasil e da América Latina e as relações com a terra. A luta pela terra é antiga entre os povos indígenas, quilombolas, camponeses e outras comunidades tradicionais. O Movimento dos/as Trabalhadores/as Sem Terra (MST) surge em 1984, em um contexto de redemocratização do Brasil, mas é fruto de um longo processo histórico de lutas pela terra que se intensificaram na década de 1970. Desde sua fundação, o movimento se consolidou com base em três objetivos mobilizadores que perduram até hoje: a luta pela terra, por Reforma Agrária e por transformação social.

De acordo com a Constituição Nacional de 1988, o direito à propriedade deve atender a função social, para que a República Federativa do Brasil possa atender os fundamentos de construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantindo o desenvolvimento nacional, erradicando a pobreza e reduzindo as desigualdades sociais e regionais. Nesse sentido, cabe à União desapropriar terras por interesse social, os imóveis que não cumpram sua função social, como estabelecido no artigo 186. (MST, 2022, n.p.)

Dessa maneira, a função social da terra conforme descrita na Constituição Nacional estipula que a terra deve ser aproveitada com racionalidade, reduzindo as desigualdades sociais e regionais. Cabe à União a desapropriação de terras que não cumpram sua função social.

O MST é um movimento que emerge com a bandeira de luta pela terra, por reforma agrária, por uma sociedade mais justa e

fraterna, contra o modelo do agronegócio e pela superação do modo capitalista de produção (...) O MST ocupa um lócus de destaque nacional e se consolida como um dos maiores movimentos populares do campo que organiza o povo para a luta pela terra como um direito. (Moraes, 2021, p. 121/122)

Os latifúndios desapropriados para assentamentos normalmente possuem poucas benfeitorias e infraestrutura, como saneamento, energia elétrica, acesso à cultura e lazer. Por isso, as famílias assentadas seguem organizadas e realizam novas lutas para conquistarem estes direitos básicos. Com esta dimensão nacional, as famílias assentadas e acampadas organizam-se numa estrutura participativa e democrática para tomada de decisões. Nos assentamentos e acampamentos, as famílias organizam-se em núcleos que discutem as necessidades de cada área. A luta do MST não é uma luta com utilização de armamentos, embora essa seja uma imagem frequentemente difundida. As ferramentas que carregam nas marchas e utilizam nos eventos, são as ferramentas de trabalho do povo camponês, as quais utilizam nas plantações, nas lavouras. É importante reconhecer que existe um estigma associado ao movimento, muitas vezes alimentado pela desinformação, que busca descaracterizar suas lutas e associá-las à violência.

A organização coletiva nos Núcleos de Base: vivências na especialização em Realidade Brasileira

Durante um curso de especialização em Realidade Brasileira, realizado entre janeiro de 2018 e maio de 2019 no Assentamento Ireno Alves dos Santos, participei como pesquisadora, junto a educadores/as e militantes vinculados à APP-Sindicato (Associação dos Professores do Paraná), em conjunto com representantes de diversos movimentos sociais – incluindo o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e o Centro de Desenvolvimento Sustentável e Agroecologia (CEAGRO), esses movimentos organizaram-se em Núcleos de Base (NBs) para dividir as responsabilidades das atividades culturais e logísticas ao longo do curso. A turma, como um todo, adotou o nome Anel de Tucum, escolhido por sua profunda simbologia na luta social. Historicamente, esse anel – confeccionado a partir da

semente de tucum – representou resistência entre povos originários, comunidades escravizadas e movimentos populares, sendo utilizado como uma aliança de luta em cerimônias de casamento quando o acesso a alianças de ouro era impossível. Essa escolha reforçou nosso compromisso coletivo com a transformação social. Cada NB assumiu um nome específico e uma função dentro da especialização, tais como: coordenação de atividades culturais, gestão financeira, segurança e alimentação.

No encerramento da especialização, aconteceu a mística da Jornada Socialista – uma encenação coletiva realizada em uma noite cultural. Essa atividade foi construída de forma colaborativa com cada NB apresentando elementos simbólicos relacionados ao nome que escolheram. Por exemplo, o NB Paulo Freire (2022) trouxe referências à Pedagogia da Esperança, destacando o conceito de "esperançar" não como passividade, mas como ação transformadora. Essa perspectiva freireana permeou todos os eventos do MST dos quais participamos, reforçando a pedagogia libertadora como eixo central da formação política no Movimento. Embora este memorial seja produto de uma construção coletiva, cabe destacar que as vivências descritas neste tópico se referem especificamente às experiências de uma das pesquisadoras durante a especialização em Realidade Brasileira no Assentamento Ireno Alves dos Santos. Esta delimitação é necessária para manter a precisão metodológica, ainda que a análise e interpretação dos dados tenham sido desenvolvidas em conjunto pelas autoras, dialogando com as perspectivas teóricas que fundamentam a pesquisa. Essa abordagem permitiu articular a observação participante com a reflexão crítica, garantindo que, mesmo partindo de uma experiência individual, a discussão mantenha um caráter coletivo e intersubjetivo.

Essa experiência evidencia como os processos formativos no MST articulam simbologia, pedagogia e organização coletiva, reforçando a identidade de luta e o compromisso político de seus participantes. A mística, nesse contexto, não é uma prática educativa que materializa a memória, os valores e o projeto político do Movimento.

A esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quanto indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. Enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica. (Freire, 2022, p. 45)

A citação de Paulo Freire destaca a importância da esperança como motor tanto da produção material quanto da luta por transformação social. Para o operário, a esperança está vinculada à capacidade de criar e produzir, enquanto, para os oprimidos, ela se traduz na possibilidade de mudar o mundo. Freire ressalta que a educação, embora essencial como prática libertadora e conscientizadora, não é suficiente por si só para transformar a realidade. No entanto, ela é um elemento indispensável nesse processo, pois desperta a consciência crítica e aponta para a necessidade de ação. Essa reflexão reforça a ideia de que a educação e a luta política são complementares: a primeira ilumina os caminhos, enquanto a segunda os percorre em busca de justiça e emancipação.

A mística da Jornada Socialista

A Jornada Socialista, realizada em 2018 durante a noite cultural da especialização em Realidade Brasileira, constituiu-se como um ritual coletivo que articulou memória, luta e formação política. Os/as participantes organizaram-se em procissão, descalços e assumindo uma postura que remetia aos romeiros em peregrinação. O vestuário – composto pelas roupas cotidianas utilizadas durante as aulas, complementado por bonés e camisetas do MST quando disponíveis – reforçava a identidade coletiva do movimento.

A opção pelos pés descalços não foi meramente simbólica, mas uma experiência sensível de conexão com a terra. A umidade do orvalho na grama, sentida diretamente pela pele, tornava-se metáfora tangível da relação intrínseca entre seres humanos e natureza, fundamento da cosmovisão camponesa. Esse gesto corpóreo expressava ao mesmo tempo humildade, pertencimento e resistência – valores centrais na formação política do MST.

O fogo, elemento central do ritual, aparecia como tochas estrategicamente dispostas ao longo do percurso, cada uma delas dedicada a homenagear lutadores/as populares. Nessas estações memoriais, os Núcleos de Base (NBs) prepararam ambientes com imagens, textos e objetos representativos do legado dos homenageados. A cada parada, desenvolviam-se rituais específicos – leituras de poesias, entoação de canções militantes ou recitação de textos – que atualizavam pedagogicamente as contribuições históricas desses sujeitos.

O percurso era marcado por palavras de ordem, cantos e poemas que criavam uma cadência ritualística, transformando o espaço físico em território de memória política. A culminância ocorreu em um grande círculo, onde se celebrou coletivamente o acolhimento e a partilha simbólica. O ritual encerrou-se com as tradicionais palavras de ordem do MST, proferidas com punho esquerdo em riste, gesto que sintetiza a disposição combativa do movimento. A frase "Lutar, Construir Reforma Agrária Popular!", repetida três vezes pelo coletivo, ecoou como compromisso político coletivo.

Finda a cerimônia, parte do grupo dirigiu-se a um barracão de madeira para confraternização com música e dança, enquanto outros retiraram-se para descanso. Esse desfecho dialético – entre festa e repouso, entre euforia e introspecção – reflete a própria natureza do MST, que conjuga celebração da cultura popular com disciplina militante.

Dubatti, citado por Caballero ressalta que:

Longe de prender o teatro na *objetualidade* textual à qual os estudos semióticos o tem reduzido, Dubatti o define como acontecimento, como práxis ou ação humana, e considera sua constituição o resultado da reunião de três acontecimentos: o convivial, o acontecimento poético ou da linguagem e o acontecimento de construção do espaço do espectador. (Dubatti, 2003, p. 16, *apud* Caballero, 2011, p. 42)

A citação acima apresenta uma crítica contundente à visão reducionista que limita o teatro à sua dimensão textual, abordagem característica dos estudos semióticos tradicionais. Em contraposição a essa perspectiva, Dubatti propõe uma compreensão mais dinâmica e experiencial do fenômeno teatral, definindo-

o como acontecimento – um evento vivo que se constitui a partir de três dimensões inter-relacionadas.

A primeira dimensão, o convívio, refere-se à presença compartilhada entre atores e espectadores, que juntos criam uma comunidade efêmera, porém real. Esse caráter relacional é apontado como essência do teatro, pois é no encontro humano que a arte verdadeiramente surge. A segunda dimensão, a poética/linguagem, abrange a criação artística em si – texto, encenação, performance, mas não como objeto fixo, e sim como processo em ato. Essa perspectiva afasta-se da ideia de teatro como "obra fechada", enfatizando sua natureza performática e transitória. Por fim, a terceira dimensão, a construção do espaço do espectador, trata da transformação subjetiva do público, que reinterpreta a cena a partir de seu repertório cultural e existencial. O teatro, nesse sentido, só se completa na recepção ativa do espectador, que (re)significa o que vê.

Essa abordagem traz implicações teóricas significativas. Em primeiro lugar, Dubatti rejeita o textualismo, propondo uma análise fenomenológica do teatro como evento singular, no qual cada apresentação constitui um novo acontecimento. Além disso, ao entender o teatro como práxis, o autor inspira-se em tradições que vinculam arte e vida, como o teatro ritual ou o performativo, nas quais o mais relevante não é o "produto" artístico, mas o processo de encontro. Outro aspecto fundamental é a espacialidade relacional: o "espaço teatral" não se reduz ao físico, mas é sobretudo simbólico, construído pela copresença de corpos e subjetividades.

Essa concepção dialoga diretamente com a mística do MST, que pode ser entendida como um acontecimento convivial, pois só existe na ação coletiva de militantes e participantes criando sentidos juntos. A dimensão poética da mística manifesta-se em seus símbolos como fogo, vinho e bandeiras, que operam como linguagem viva, e não como alegorias fixas. Por fim, assim como o teatro em Dubatti busca constituir espectadores ativos, os rituais do MST visam constituir sujeitos políticos, transformando os participantes por meio de uma experiência compartilhada que articula memória, luta e esperança.

Dessa forma, a teoria de Dubatti oferece um instrumental valioso para pensar a Mística do MST para além de seu aspecto representacional,

destacando sua natureza eventual e transformadora. O que importa, tanto no teatro quanto na mística, não é apenas o que se representa, mas o que se vive e constrói coletivamente no ato ritual, em um processo contínuo de ressignificação e engajamento. Segundo o autor, teatro não é *objetualidade*. Muitas pessoas ainda compreendem o teatro, como apenas uma apresentação no palco, aplaudida pelo público que prestigia de longe. Dubatti fala sobre acontecimento, práxis, ação humana. Construir espaços para manifestações, unindo arte e poesia e que o público possa estar junto, participando.

A mística do MST

A mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se configura como uma poderosa força simbólica que transcende a simples representação para se tornar experiência coletiva transformadora. Em nossas pesquisas conjuntas, percebemos que ela opera como um verdadeiro organismo vivo das lutas camponesas, alimentando a esperança e reforçando os laços comunitários por meio de uma linguagem estética profundamente política. Diferentemente das formas teatrais convencionais, a mística dissolve radicalmente as barreiras entre performers e público, criando uma circularidade energética onde todos são simultaneamente atores/atrizes e espectadores/as. Essa característica se manifesta nos mais diversos espaços de organização do movimento, desde as grandes assembleias às reuniões de acampamento. O ambiente é cuidadosamente preparado como um território simbólico, onde cada elemento: as bandeiras vermelhas, as foices, facões, os sacos de sementes, produtos da terra, entre outros, compõem um vocabulário visual imediatamente reconhecível pelos militantes.

Em nossas observações, constatamos que a construção da mística segue um processo profundamente coletivo e dialógico. Os símbolos escolhidos emergem organicamente das lutas cotidianas – as sementes representam ao mesmo tempo a resistência presente e a promessa de futuro; os textos fragmentados distribuídos ao público (poemas, depoimentos, letras de música) criam uma tessitura coral de vozes; os gestos ritualizados, como o punho

esquerdo em riste, conformam uma gramática corporal militante. O clímax ocorre com as palavras de ordem entoadas em uníssono, como o emblemático "Pátria Livre! Venceremos!", repetido na tríade ritualística que marca o fechamento do círculo simbólico.

Embora não se configure como teatro no sentido tradicional, identificamos na mística uma teatralidade peculiar que desafia categorizações fáceis. Seu roteiro flexível combina estrutura ritual e improvisação, permitindo a adaptação a diferentes contextos e necessidades políticas. O figurino – bonés, camisetas, roupas de trabalho – não representa personagens, mas exhibe identidades reais. O espaço é transformado pedagogicamente, seja uma sala de aula, um galpão ou mesmo um acampamento sob a lona preta.

Como pesquisadoras, desenvolvemos uma metodologia específica para estudar esse fenômeno complexo, combinando observação participante em diversas místicas, entrevistas aprofundadas com militantes de diferentes gerações e análise iconográfica de registros fotográficos e audiovisuais. Esse esforço metodológico nos revelou o paradoxo fundamental da mística: seu poder transformador reside precisamente naquilo que desafia a completa objetivação acadêmica, sua capacidade de criar estados emocionais coletivos e converter energia simbólica em ação política concreta.

A mística do MST se revela, portanto, como uma sofisticada tecnologia social de construção de subjetividades políticas. Essa capacidade de fazer da arte não uma representação distanciada, mas ferramenta viva na construção da utopia concreta, constitui talvez sua lição mais profunda, tanto para o campo acadêmico quanto para as práticas dos movimentos sociais populares. Segundo Ileana Caballero Diégues:

Um estudo sobre as teatralidades que emergem em situações de liminaridade, imersas no 'entre' do tecido cultural e atravessadas por práticas políticas e cidadãs, tem que refletir sobre a natureza do convívio de seus eventos. As experiências liminares implicam de uma outra forma em experiências de socialização e convivência. (Caballero, 2011. p. 41)

A citação de Caballero acima propõe uma reflexão fundamental sobre as manifestações teatrais que surgem em contextos de liminaridade – aqueles

momentos e espaços "entre" as estruturas sociais estabelecidas, onde as normas cotidianas são suspensas e novas possibilidades de ser e agir emergem. A autora argumenta que estudar essas teatralidades específicas exige, antes de tudo, compreender a natureza peculiar do convívio que elas engendram. Quando Caballero fala em situações imersas no "'entre' do tecido cultural", está se referindo precisamente àqueles intervalos sociais onde as identidades e hierarquias convencionais se dissolvem temporariamente, dando lugar a formas alternativas de organização e expressão. São momentos de transição, crise ou transformação social em que as fronteiras simbólicas se tornam porosas. Nesses contextos liminares, as práticas teatrais adquirem um caráter especial: deixam de ser meramente representacionais para se tornarem veículos de experimentação social e política.

O aspecto mais provocador da argumentação de Caballero (*Ibidem*) está na afirmação de que essas experiências liminares implicam "de outra forma" em socialização e convivência. Ou seja, elas não reproduzem os padrões habituais de interação social, mas criam modalidades alternativas de estar-junto, fundadas precisamente na suspensão temporária das normas vigentes. O teatro que emerge nessas circunstâncias não é entretenimento ou arte pela arte – torna-se espaço privilegiado para ensaiar, literal e metaforicamente, outras possibilidades de organização social.

Essa perspectiva ajuda a entender por que os movimentos sociais populares, como o MST, desenvolvem formas tão ricas de expressão teatral em seus rituais de luta. Nas ocupações de terra, nos acampamentos, nas marchas – todos espaços liminares por excelência, as teatralidades que surgem são profundamente políticas. Elas não apenas representam conflitos, mas os encenam concretamente, criando na própria ação performática novas formas de convivência e solidariedade. Quando os sem-terra organizam suas místicas, estão simultaneamente: (1) denunciando uma ordem social injusta; (2) celebrando temporariamente sua suspensão; e (3) prefigurando no ritual a sociedade mais justa que almejam construir.

A grande contribuição da citação está em nos alertar que não podemos analisar essas formas teatrais com os mesmos instrumentos que usamos para o teatro convencional. Seu significado político e cultural só aparece quando as

entendemos como práticas sociais totais, onde arte e vida, representação e ação, estética e política se fundem indissolúvelmente. São teatralidades que não apenas falam sobre transformação, mas são em si mesmas, atos transformadores – daí a importância de estudar atentamente as formas específicas de convívio que elas criam.

Portanto, a liminaridade não é apenas o contexto onde essas teatralidades emergem, mas parte constitutiva de sua natureza e poder político. É precisamente por ocorrerem nesses "entres" culturais que elas podem se tornar tão potentes como ferramentas de questionamento e reinvenção social – lição que os movimentos sociais parecem compreender intuitivamente há muito tempo, e que estudiosos como Caballero nos ajudam a decifrar.

Em nossas pesquisas conjuntas sobre a mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), constatamos que essa prática ritualística constitui um espaço privilegiado de troca de experiências e construção de memória coletiva. Durante as místicas, os relatos sobre a luta pela Reforma Agrária ganham vida por meio das histórias compartilhadas pelos/as militantes, que não apenas narram, mas revivem suas trajetórias de resistência. Um exemplo marcante é a lembrança do militante Antônio Tavares, assassinado pela Polícia Militar do Paraná, em maio de 2000, durante uma marcha pela Reforma Agrária às margens da BR-277, em Campo Largo. Essas memórias, que ressurgem ritualisticamente, dialogam com outras formas de narrativa política e espiritual, como a leitura de trechos bíblicos que abordam o direito à terra, o trabalho camponês e as lutas populares. Em nossas observações, percebemos que essa combinação entre memória política e tradição religiosa cria uma pedagogia própria, onde a socialização de experiências se torna uma forma estética profundamente democrática de educação popular. Segundo o autor e militante Ademar Bogo:

A mística nos faz acreditar que há outro lugar além deste que alcança a vista. Mas, cuidado, a mística também pode morrer, é só deixar de crer, de gostar e de querer. Vive em nós enquanto há ânimo e curiosidade, como para ver o nascimento. Faz-nos sentir que o tempo passa lento quando temos pressa, ou rápido demais quando está boa a conversa. Querer ficar e ir ao mesmo instante; estar próximos e em seguida bem distantes, mantendo sempre a lealdade na saudade submersa. Mística não é um

teatro, é atitude! Mantém a energia da juventude, mesmo quando envelhecemos por fora. É como o tempo que ultrapassa as horas e desrespeita a lógica dos ponteiros. Ela é a razão que nos faz ser herdeiros e herdeiras, de sonhadores que nunca foram embora. Sem mística pode-se andar, dar passos, mas nunca sentir o prazer de um forte abraço; porque, é certo, real e verdadeiro, para andar só, basta ter duas pernas, para lutar e amar precisa dispor do corpo inteiro. A mística enfim é uma força crítica, que nos ajuda na prática política a garantir o rumo e a unidade. Mas, de nada vale querer o socialismo, se não cultivarmos o companheirismo, a alegria e a afetividade. (Bogo, 2007, p. 118)

A poética e profunda reflexão de Ademar Bogo sobre a mística revela sua essência como força motriz dos processos de transformação social. Em nossa pesquisa, compreendemos essa concepção como chave para desvendar porque a mística permanece tão vital no MST após décadas de existência. Bogo nos apresenta a mística como atitude existencial, modo de habitar o mundo que combina sonho e prática concreta.

Quando o autor afirma que "a mística nos faz acreditar que há outro lugar além deste que alcança a vista", ecoa em nossas observações como a mística opera como dispositivo de ultrapassagem: ela permite aos militantes vislumbrar o "ainda-não" da sociedade socialista enquanto transformam o "já-aqui" das lutas cotidianas. Essa dialética entre utopia e realidade explica por que, como pesquisadoras, encontramos tantos relatos de militantes que, mesmo após derrotas temporárias, mantêm-se firmes – a mística alimenta o que estudamos como resiliência política.

A advertência de Bogo sobre a possível morte da mística – "é só deixar de crer, de gostar e de querer" – ressoa com nossos achados sobre sua natureza relacional e processual. Em campo, documentamos como a mística se renova precisamente por meio da troca geracional, da reinvenção criativa e da capacidade de ressignificar símbolos. Seu "desrespeito à lógica dos ponteiros", mencionado pelo autor, manifesta-se naquelas cenas que registramos: jovens de 20 anos recitando poemas de décadas passadas com a mesma vibração dos velhos militantes, criando o que analisamos como tempo espiralar da memória militante.

A afirmação final – "de nada vale querer o socialismo, se não cultivarmos o companheirismo, a alegria e a afetividade" – sintetiza o que em nossa

metodologia classificamos como triângulo pedagógico da mística: 1) formação política; 2) construção de afetos coletivos; 3) celebração da vida. Essa dimensão nos parece particularmente crucial hoje, quando os movimentos sociais enfrentam o desafio de combater o individualismo neoliberal. A mística, como Bogo tão bem captou, é antídoto e alternativa – não apenas denuncia o mundo que rejeita, mas já exhibe, em embrião, o mundo que quer construir.

A prática das místicas dentro de um movimento importante e forte de luta, como o MST, necessita de reflexões cuidadosas, e Boff nos revela a origem da palavra mistério:

Originalmente, a palavra mistério (*mysterium* em grego, que provém de *muéin*, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade de uma intenção), não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. A pessoa é levada a experimentar através de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado e fechado. Importa enfatizar o fato que mistério está ligado a essa vivência/experiência globalizante. Somente mais tarde, num interesse filosofante, distanciado já da experiência, usa-se mistério para designar o lado-supra-social-comunitário (racional) de uma doutrina ou revelação. Então se fala dos mistérios cristãos da SS. Trindade, da encarnação, da graça, etc. Mas aqui já estamos em plena reflexão teológica e não de uma experiência mística". (Boff, 1998, p. 22)

A reflexão de Boff sobre a origem do termo "mistério" ilumina nossa compreensão das místicas no MST. O autor nos lembra que a verdadeira dimensão do místico não está na teorização, mas na experiência concreta – nos ritos que envolvem corpo, emoção e coletividade. Isso ecoa profundamente com o que observamos no Movimento: suas místicas não são espetáculos para assistir, mas vivências para participar.

Quando Boff destaca que o mistério originalmente se vinculava a "celebrações, cânticos, danças e gestos rituais", descreve precisamente os elementos que compõem as místicas do MST. A força transformadora desses rituais reside justamente em sua capacidade de criar, por meio da ação coletiva, aquela "iluminação" que o autor menciona – no caso do Movimento, não uma revelação religiosa, mas a conscientização política.

Nossa pesquisa confirma que a potência da mística no MST está em recuperar essa dimensão experiencial original. Ela não é discurso sobre a luta, mas a luta feita corpo, voz e movimento. Como Boff sugere, quando o místico se reduz a doutrina, perde sua força transformadora – lição que o MST parece ter assimilado profundamente, mantendo suas práticas sempre renovadas na ação concreta da luta pela terra.

Sobre simbologias da mística do MST

Durante as apresentações da mística são utilizadas simbologias que representam as lutas do MST e a importância da Reforma Agrária. Segundo Ademar Bogo:

Os símbolos representam o esforço, a dedicação, o trabalho, as angústias e também o sonho, as alegrias que esta luta nos proporciona. Nosso símbolo maior é a nossa bandeira, à qual devemos todo o nosso respeito e compromisso. Ela deve ser carregada com orgulho e convicção por todo membro do Movimento por onde quer que seja. Ela nos identifica nacionalmente e nos dá marca; representa uma síntese daquilo que herdamos das organizações e lutas dos camponeses que nos antecederam, daquilo que somos e representamos no presente, bem como o sonho que traduz a sociedade futura que estamos empenhados a construir. Por isso, ela é passado, presente e futuro de uma causa que busca a libertação da terra e dos homens. (Bogo, 2002, p. 08)

A Bandeira

Cada cor e desenho da bandeira tem um significado, de acordo com informações do site do MST³:

- **Vermelha:** representa o sangue que corre nas veias da classe trabalhadora que está sempre disposta a lutar pela Reforma Agrária e pela transformação da sociedade;

³ Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1qD88D9G6RI3bYbCGEeggpheOLNY0jFwSI/edit#>

- **Branca:** representa a paz, mas esta somente será conquistada quando houver justiça social;
- **Preta:** representa o luto e a homenagem a todas as trabalhadoras e trabalhadores, que tombaram na luta pelo sonho da nova sociedade;
- **Facão:** representa a ferramenta de trabalho, de luta e de resistência. Ele ultrapassa o mapa para indicar que o movimento é internacionalista;
- **Mapa do Brasil:** representa a luta nacional dos/as Trabalhadores/as Sem-terra e a necessidade de que a Reforma Agrária deve acontecer em todo o país;
- **Verde:** representa a esperança das trabalhadoras e trabalhadores Sem Terra quanto a vitória de cada latifúndio que conquistamos.
- **Trabalhadora e o trabalhador:** representam a necessidade de mulheres, homens, família toda na luta.

Figura 1- Bandeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra



Fonte: foto de Marli Roth.

O Hino do MST

Juntamente com a bandeira está o Hino do Movimento⁴. O qual trás em suas palavras os significados de luta e esperança, representando um símbolo importante da sua luta e Mística, funcionando como um signo de unidade em torno dos ideais do movimento. O hino, com seu simbolismo verbal, ajuda a edificar uma nova sociedade alicerçada em valores de justiça social, união e perseverança na luta pela Reforma Agrária.

Lona Preta

A lona preta é mais do que uma barraca, é um rito de passagem, um símbolo presente na transição entre o acampamento e o assentamento das famílias Sem Terra, o caminho para a conquista da terra. É símbolo da luta pela Reforma Agrária que as mais de 120 mil famílias acampadas em todo Brasil carregam. A lona preta é o retrato da luta cotidiana do Movimento contra o latifúndio, a segregação e as injustiças sociais que tanto castigam esse país.

Figura 2 - Acampamento do MST na BR 158



Fonte: foto cedida pelo acervo do Colégio Estadual Iraci Salete Strozack.

⁴ Letra: Ademar Bogo. Música: Willy C. de Oliveria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5mD78TzzbmA>

Sentindo a mística

Em 16 de julho de 2022, a pesquisadora Marli Roth realizou trabalho de campo, estabelecendo contato com os residentes de assentamentos e acampamentos. A interação com um ambiente natural, a terra e a observação de um espaço de luta e resistência do povo camponês, são elementos que mantêm viva a esperança. Tal experiência proporciona a vivência e a percepção da mística em cada acampamento visitado. É vivenciar e sentir a mística acontecendo diante dos olhos, em cada acampamento e assentamento visitado.

As escolas são construídas antes das moradias e servem, também, de locais de encontros da comunidade, para organização e planejamento da luta.

Figura 3 - Escolas itinerantes do MST



Fonte: Marli Roth.

Em uma jornada de pesquisa que transcendia a mera coleta de dados para se tornar verdadeira experiência mística, adentramos os caminhos do Assentamento Marcos Freire, em Rio Bonito do Iguaçu (PR). Acompanhada pelo experiente guia Edinelson Prudente – conhecedor das estradas locais e das histórias que elas guardam – a travessia já anunciava os aprendizados que estavam por vir.

O destino final desta peregrinação acadêmica era a morada do senhor Ivair Juncovski, carinhosamente chamado por todos de Bota – guardião de memórias e saberes da luta pela terra. Ali, fomos recebidos como companheiros/as de jornada. Junto a Bota, estavam seu filho Guilherme Rafael de Meira Juncovski, e sua nora Lizandra do Nascimento. Este não seria um simples registro etnográfico, mas um momento de verdadeiro encontro humano, onde os papéis de pesquisadora e pesquisados se dissolveriam na cumplicidade das histórias compartilhadas.

Figura 4 - Ivair Juncovski, Bota



Fonte: Fotografia de Guilherme Rafael de Meira Juncovski, utilizada com autorização.

A emoção de Bota inicia no cumprimento, na acolhida! Sua nora prontamente vai arrumando cadeiras para nos sentirmos à vontade na varanda. Iniciamos nossa “prosa”.⁵

Marli: Pode me contar quais foram os motivos pelos quais o senhor e sua família foram em busca de um acampamento do MST?

Bota: *(abaixa a cabeça e responde:)* Situação, né? Trabalhava de arrendatário e peão. Nasci na roça, rancho de chão... colchão era de paia *(sorrindo)*.

Marli: Quais são os elementos/ferramentas que simbolizam o movimento e o significado dos mesmos?

Bota: A bandeira e nossas ferramenta de trabalho: foice, facão...

Marli: Como foi o momento da decisão da ocupação da fazenda?

Bota: Foi feito trabalho antes. Até no Paraguai foram feitas reuniões. Três mil famílias, gente de toda parte do Brasil e do Paraguai.

Marli: Sobre a madrugada da ocupação... como foi a marcha? Quais os sentimentos? Como foi a chegada?

Bota: Fomo a pé, às 3h30m, dia 17 de Abril, a marcha foi em silêncio na madrugada, um friooo! Só iscuitava os passo no asfalto, a gente não queria chamar a atenção dos guardas da fazenda, passamo pela cidade de Rio Bonito. Tinha imprensa junto. Chegamo de manhã. Ninguém falava nada, só escutava os passo da multidão de gente no asfalto.

⁵ Essa transcrição preserva intencionalmente marcas de oralidade e variações linguísticas características dos interlocutores, refletindo as particularidades próprias de suas origens regionais e contextos culturais. Tais manifestações linguísticas não constituem erros, mas sim, registros autênticos de práticas comunicativas em contextos específicos. São expressões de identidades culturais locais e exemplos concretos da dinâmica viva da língua portuguesa no Brasil. A opção por mantê-la na entrevista não apenas busca a fidelidade documental, mas também o reconhecimento da diversidade linguística como patrimônio cultural e ferramenta de resistência identitária. Mais do que simples registros informais, essas construções linguísticas revelam uma beleza singular - a poética orgânica das falas cotidianas que carregam em seus ritmos, construções inovadoras da riqueza das experiências comunitárias.

Figura 6 - Fotografia de Sebastião Salgado, exposta no novo Centro Histórico



Fonte: site do MST.

Marli: Como foi a organização no dia a dia, desde a alimentação e planejamento das demais atividades? As dificuldades...

Bota: Quando chegamos foi tudo meio correndo, foi aberto o portão da fazenda, Ireno Alves dos Santos a frente, eu pulei pela cerca de arame mesmo, era muita gente pra passá pelo portão, em 5 minuto não tinha mais mandioca (*sorrimos*) e começamos montá as barraca. Quando a gente ainda tava no “buraco” (*nome do lugar que construíram as barracas, porque ficava em um buraco imenso*). Tinha guarda na entrada, nove home, tudo armado, jagunço da fazenda fizeram trincheira com máquina da prefeitura na entrada do “Arapongas” (*nome da comunidade atual*), com uns pau fincado, tinha altura de 2 andar, prontos para atirar. Mataram dois quando nois tava lá em cima. Uma parte ficava no portão, outros subiram e conseguiram entrá, os dois que 2 morreram: Vanderlei das Neves (*hoje homenageado com nome dele em uma das escolas*) e Marcos Freire (*nome de um dos assentamentos*). Hoje um deles (guarda/jagunço) é

amigo nosso. Contrataram empresa de segurança. A gente fala pra ele: “voceis tavam lá pra matá nós”! (*sorrindo*). Eles responde que eram pago. O Sindicato foi quem nos apoio, os outro eram tudo contra. Criança e mulher com fome... A alimentação era feita por grupo, no primeiro momento. Foi feito arrecadação, não teve ajuda do governo. Os grupos era organizado, o nosso era o 108. Tinha os coordenadores dos grupos, segurança, saúde...tinha regimento interno para organizar, teve problemas e alguns foram expulsos. Muita gente doente, porque era um buraco, e a fumaça não tinha pra onde ir. Morreram umas dezessete criança de pneumonia por causa da fumaça. Não tinha equipe de saúde da prefeitura, não ajudaram. (*olhos marejados*). A não ser a equipe das mulheres do acampamento que buscavam erva do mato mesmo pra fazer remédio. As crianças ficaram seis meis sem escola, até se construída as escolas itinerantes, eram barracão. Lula era candidato a presidente em 1998, quando veio visitá o acampamento.

Nessa viagem linda por meio da prosa com esse camponês cheio de história pra contar, com tanta experiência de luta e conhecimento, sem precisar *lato sensu*, continuamos...

Marli: Como foi receber a notícia que seriam assentados? Que os lotes seriam distribuídos...

Bota: Dezesseis mil hectares para 940 famílias. Sobrou trezentos e sessenta, ficaram no acampamento. Foi abaixo de chuva pra ocupar o Assentamento Marcos Freire. Depois de dois ano sai para mais novecentos e quarenta famílias. Houve resistência, tinham os “Bandeira Branca”, que eram contra o MST. Vieram mais trezentas famílias. Desceram no barracão e houve conflito, eles não participavam do movimento. O advogado P. e a prefeitura apoiava eles, (os “*Bandeira Branca*”). Eles mataram uma família inteira, na comunidade de Santo Antônio, depois saiu o Assentamento Nova Aliança. Agora tá tranquilo, as pessoas que tão lá hoje são mais tranquila. Então saiu o Assentamento Marcos Freire, foi ocupado treis...Celso Furtado, 10 de Maio, veio pessoal de Quedas (2022). Rio Bonito mais ou menos 2.600 famílias, é o maior

da América Latina. Quedas do Iguaçu mais 2.500 famílias. A extensão da fazenda, é de 80.000 hectares... Hoje tá tudo ocupado.

Marli: Com suas palavras, defina o que é a mística e o que ela significa em sua vida?

Bota: Ânimo pra luta... *(lágrimas escorrem em seu rosto e fez-se uns segundos de silêncio. Continua:)* Uma mística bem organizada é muito bonita, traiz sentimento!

(Lágrimas também escorreram em nossos rostos e por alguns instantes ficamos em silêncio).

Ao ler Ranulfo Peloso, encontramos o seguinte conceito:

A mística é uma realidade que mais se vive do que se fala sobre ela. É a alma do combatente. É o sabor que junta o pensamento, a ação e a emoção. É uma crença no valor da vida, na dignidade das pessoas, a força do trabalho, na necessidade da liberdade e na construção da solidariedade universal. O principal da mística é que ela seja a vivência a manifestação do que se passa no coração das pessoas que lutam para dar sentido a uma existência digna. Por isso é algo que não tem hora marcada. Ela se revela em todos os momentos: na vida pessoal e na relação afetiva, no trabalho produtivo e na luta política, na dor e na festa. A mística é a paixão que anima a militância. Ela aparece de maneira mais decisiva nos momentos de desânimo, de derrota e de crise. É o alimento que revigora o povo quando o poder de opressão faz pensar que os esforços para transformar a situação são inúteis e impotentes. A mística é então essa motivação profunda que faz a pessoa “sacudir a poeira e dar a volta por cima”. E fazendo das “tripas coração”, ela levanta o alto astral e retoma o caminho. Afinal, por opção, a pessoa “vestiu a camisa” da causa popular. (Peloso, 1994, p. 4)

A definição de Ranulfo Peloso captura a essência da mística como energia vital que anima os movimentos populares. Se revela como substrato existencial da militância — aquilo que dá sabor e sentido à luta cotidiana. O autor nos mostra que sua verdadeira natureza não está na forma (os símbolos, as encenações), mas na função: ser o “alimento que revigora” nos momentos mais difíceis. Quando Peloso afirma que ela “não tem hora marcada”, explica por que a encontramos tanto nos grandes atos quanto nas pequenas resistências do dia a dia — no cuidado com a horta coletiva, na educação das crianças, na memória dos que já partiram.

No intervalo entre as palavras, quando o Bota calou-se por um instante, a mística surgiu inteira. Não como performance organizada, mas como verdade que brota das entranhas da história. Seus olhos úmidos, mais eloquentes que qualquer discurso, carregavam o peso de todas as madrugadas sob lonas pretas, das marchas com pés doloridos na estrada fria e dos companheiros que tombaram lutando.

Continuamos!

Marli: Fale um pouco sobre os elementos, as ferramentas de trabalho, a bandeira, o hino, as sementes, entre outras simbologias que são utilizadas durante a Mística.

Bota: Usamo nossas ferramenta de trabaio e os alimento que produzimo. Na escola as crianças fazem Mística. Para quem assiste é emocionante, participá é ainda mais! Tem gente que vai isquecendo, por isso a Mística é como uma memória. No acampamento novo eu ajudei organizar, um filho meu nasceu lá. Fazia uns treis meis que a gente tava acompanhando.

Marli: Quem pode participar da mística?

Bota: Depende da organização da mística.

(Uma porca com seus filhotinhos em fileira, passam correndo pelo terreiro, rimos nesse momento. Ainda sobre a história dos assentamentos e acampamentos, Bota lembra:)

Bota: As outras ocupações foram mais tranquila. No início as dificuldades era maior. Hoje a maioria já é filho de assentado. Quando entramo aqui era puro mato. Fomo entrando e com a foice fiz dois barraquinhos, meus filho estavam junto. Nós tivemo alguma luta!

(Uma borboleta colorida voou por entre nós nesse momento... nossa prosa chega ao fim.)

Não foi uma simples entrevista, esse foi um momento da mística do MST! Sem dúvidas, o ser humano é o símbolo mais importante da mística. Assim argumenta Bogo (2002, p. 09): “Conclui-se que o ser humano é o principal símbolo, é ele que faz todas as mudanças, é ele que tudo constrói, é para ele que lutamos”.

As ideias, as experiências e os sonhos não morrem na mística do MST, porque essas pessoas mantêm viva e forte uma ideia. É a esperança do verbo esperar.

O essencial, como digo mais adiante no corpo desta Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (Freire, 2022, p. 15)

A citação de Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança* (2022) desvela a natureza ativa da esperança como força histórica. Quando o autor afirma que "a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica", ele rompe com concepções passivas ou contemplativas. Em nossa pesquisa sobre a mística do MST, encontramos essa mesma epistemologia freireana materializada nos corpos que marcham, ocupam e resistem. Freire nos alerta que a esperança como "necessidade ontológica" não é virtude de quem espera, mas de quem age – eco que ressoa nos acampamentos onde cada barraca erguida é verbo esperançado conjugado no presente. A "espera vã" que o autor critica contrasta radicalmente com a pedagogia do movimento, onde cantar "venceremos" não é prognóstico, é compromisso assumido no suor da luta diária.

Considerações finais

Nossa trajetória de investigação sobre a mística do MST revelou-se um processo profundamente transformador, tanto academicamente quanto pessoalmente. Ao longo deste estudo, compreendemos que a mística não pode ser reduzida a uma manifestação teatral, embora contenha ricas teatralidades em sua estrutura ritualística. O que inicialmente nos chamou a atenção foi justamente essa natureza híbrida – ao mesmo tempo artística, política e pedagógica – que desafia categorizações convencionais.

Em nossas observações participativas, constatamos como a mística opera uma verdadeira alquimia entre performance e militância. Os momentos que antecedem sua realização – quando os militantes fazem silêncio reverencial – criam uma atmosfera semelhante à expectativa que precede uma peça teatral. Porém, ao contrário do teatro tradicional, aqui não há separação entre palco e plateia. Todos são convocados a participar ativamente, seja por meio de cantos, leituras ou gestos simbólicos. Essa participação integral nos fez refletir sobre como a mística ultrapassa a representação para se tornar ação política concreta. A preparação do espaço – com seus elementos simbólicos cuidadosamente dispostos – revela uma consciência cênica impressionante. Como pesquisadoras, reconhecemos ali estratégias de composição espacial que dialogam com as artes cênicas, mas com um propósito distinto: não representar a luta, mas sim vivê-la coletivamente. A ornamentação não busca efeitos estéticos vazios; cada bandeira, cada elemento disposto conta uma história de resistência.

No âmbito pedagógico, nossa pesquisa confirmou que a mística constitui um potente espaço de educação popular. Inspiradas em Paulo Freire (2022), percebemos como ela opera por meio da escuta dialógica, transformando a experiência dos sem terra em currículo vivo. Os símbolos do movimento – o hino, as bandeiras, as marchas – não são meros adereços, mas veículos de uma pedagogia libertadora que questiona radicalmente as estruturas do capital.

Esta investigação nos transformou profundamente. Deixamos de ser meras observadoras para nos tornarmos, em certa medida, parte do fenômeno que estudávamos. As vivências nos acampamentos e assentamentos, somadas às nossas leituras teóricas, criaram uma síntese única em nosso percurso acadêmico. Compreendemos que pesquisar o MST não é apenas estudar um movimento social, mas engajar-se com um projeto histórico de transformação.

Como conclusão, afirmamos que a mística do MST representa uma singular conjugação entre arte, política e educação. Seu poder reside precisamente nesta capacidade de, por meio da linguagem simbólica, criar sujeitos coletivos comprometidos com a construção de uma sociedade justa. Esta pesquisa não nos pertence – é antes um fruto da generosidade dos militantes que nos permitiram compartilhar suas lutas e esperanças.

Seguiremos, agora, levando esses aprendizados para nossa prática como educadoras, certas de que, "lutando, a gente se aprende".

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. Teologia Da Libertação - **O sentido teológico das libertações sócio-históricas**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOGO, Ademar. O Vigor da Mística. **Caderno de cultura**. N 02. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

BOGO, Ademar. **O MST e a cultura**. 3 ed. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2009.

BOGO, Ademar. **O Vigor da Mística**. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2007.

CABALLERO, Ileana Diéguez. **Cenários Liminares (teatralidades, performances e políticas)**. Tradução de Luis Alberto Alonso e Angela Reis. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

MORAES, Vítor de. Resistência e Luta pela Terra no Território Cantuquiriguaçu – Paraná. Foz do Iguaçu, 2021.

MST (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA). **O que é o Programa de Reforma Agrária Popular do MST?** 2022. Disponível em: <https://mst.org.br/2021/07/16/o-que-e-o-programa-de-reforma-agraria-popular-do-mst/>. Acesso em: 8 out. 2023.

PELOSO, Ranulfo. A força que anima os militantes. **Cadernos de Formação**, n.27, p.8, MST, 1994.

Pedro Ranulfo (1994),

Recebido: 08/05/2025
Aceito: 10/09/2025